

Os primeiros contatos de Nietzsche com o pensamento asiático*

Johann Figl**

Resumo: O presente ensaio conta levar a cabo um exame escrupuloso acerca dos primeiríssimos conhecimentos de Nietzsche – à época de seus estudos colegiais e universitários – sobre o pensamento asiático. Revela-se, então, que não só o jovem Nietzsche possuía uma familiaridade abrangente com a cultural oriental, mas como tal fato é decisório quando se trata de interpretar seus primeiros escritos. A ser assim, torna-se nítido que a publicação integral do *Nachlass* (espólio) atinentes ao período de juventude do filósofo alemão é uma questão da ordem da necessidade. Segundo o autor, somente desta forma nós teremos condições de obter uma visão clara e satisfatória do conhecimento que Nietzsche possuía acerca das culturas não-européias.

Palavras-chave: cultura asiática – estudos orientais – budismo – pensamento indiano

Os primeiríssimos passos de Nietzsche permanecem, em boa medida, na escuridão. É bem verdade que possuímos dados – muito mais, talvez, do que no caso de qualquer outro autor – atinentes

* Tradução de Fernando de Moraes Barros

** Professor de Filosofia da Universidade de Viena (Instituto de Ciências da Religião).

a inumeráveis detalhes acerca de sua infância e juventude; um breve olhar sobre os escritos e correspondências do primeiro período convence-nos facilmente da riqueza de informações detalhadas que se acham à nossa disposição¹. No entanto, a pesquisa sobre Nietzsche defronta-se, de imediato, com as barreiras impostas pelas anotações do filósofo alemão que nos foram conservadas; seja porque há muita pouca coisa – ou quase nada – disponível sobre um tema específico ou, então, porque anotações potencialmente relevantes não foram incluídas nas edições dos livros de juventude que, até agora, foram publicados. No primeiro caso, faz-se necessário aludir a fontes que estão para além das próprias anotações de Nietzsche, a fim de se adquirir, ao menos indiretamente, familiaridade com seu posicionamento acerca de algum tema em particular; no segundo, cumpre ir além daquilo que já foi publicado e tomar em linha de conta os materiais inéditos de Nietzsche no acervo dos *Archivos Goethe-Schiller* em Weimar.²

Para tratar a questão acerca dos primeiros contatos de Nietzsche com o pensamento asiático, é preciso se fiar nos dois caminhos acima mencionados: cabe remontar aos materiais inéditos presentes nos arquivos e averiguar, igualmente, a “atmosfera” intelectual dentro da qual foi possível a Nietzsche instruir-se nas idéias asiáticas. A principal orientação deve ser dada pelos próprios textos de Nietzsche, na medida em que qualquer retrato do cenário intelectual atinente ao seu pensamento deve tomar seus textos como ponto de partida; é em direção a tais escritos que todas as investigações sobre a literatura mais ampla deve conduzir, quer dizer, com o intuito de fazer jus à tarefa de documentar a natureza e a extensão dos contatos de Nietzsche com o pensamento asiático.

O presente ensaio diz respeito exclusivamente a uma fase inicial de tais contatos: o primeiro enfoque baseia-se nos anos “ginasiais” de Nietzsche em Pforta (1858-64) e, num segundo momento, o artigo conta discutir algumas anotações inéditas de sala de aula quando

de sua época de estudante na Universidade de Bonn (1864-65). Ocupamo-nos, a ser assim, dos textos de juventude de Nietzsche – anos antes de suas primeiras publicações – que, por esta razão, foram, provavelmente, de importância decisória à sua ligação posterior com a tradição intelectual e espiritual asiática.

O interesse de Nietzsche pela religião e pela mitologia de uma dada cultura asiática pode ser evidenciado em virtude do pedido de um livro por ocasião de seu décimo sétimo aniversário (1861). Numa “lista de presentes”, ele menciona – além de *A essência do cristianismo* e de *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade*, de Feuerbach: “Wollheim, Altindische Mytologie.”³

O conhecimento explícito de Nietzsche acerca das idéias asiáticas – e, mais precisamente, indianas – durante seus anos na escola secundária está documentado numa anotação feita por ele aos dezessete ou dezoito anos, e que servirá como ponto de partida para as análises que se seguirão. Numa nota de abril de 1862, cujo título é “Liberdade da Vontade e do Destino”, ele escreveu:

O hindu diz: o Destino não é nada mais do que as ações levadas a cabo durante uma fase mais precoce de nossa existência (BAW 2, 61).

Tais palavras personificam uma intimidade com as doutrinas do *karma* e do renascimento. O comentário aparece no contexto de um certo comprometimento com a crença cristã na imortalidade da alma em que Nietzsche diz, a todos aqueles que acreditam na imortalidade, que eles têm igualmente que “acreditar na preexistência da alma”, isto é, se eles não quiserem que “algo imortal surja de algo mortal”. Fica claro que, já na escola secundária, Nietzsche vislumbrava a religiosidade oriental como uma alternativa ao cristianismo. Este foi o período no qual ele estava, pois, despedindo-se da fé cristã, como tantos outros documentos do mesmo período demonstram.⁴

Mais uma vez, no contexto da questão do destino, Nietzsche chega a falar a respeito de dois documentos fundamentais da literatura e da religião indianas, o *Mahâbhârata* e o *Râmâyana*. Esses dois épicos são mencionados num esboço feito por Nietzsche a propósito de uma monografia para o colégio a 8 de dezembro de 1862 (*BAW 2*, 445 *Nachbericht*) e que tinha como tema “a caracterização de Kriemhild na Canção dos Nibelungos.”⁵ O esboço da caracterização é, aqui, marcado a partir do contexto de um enredamento fatidicamente determinado na culpa. No começo do ensaio encontramos a afirmação de que, mesmo nas situações nas quais as pessoas “pensam que são arrastadas pelas rodas de um destino eterno”, haverá sempre momentos “em que o ser humano apercebe-se dos deuses em sua grandeza serena e eterna, sentados em seus tronos acorrentados eles mesmos à sua culpa e dilacerados pelo remorso” (*BAW 2*, 129). Segue-se, então, uma alusão aos grandes épicos da literatura mundial:

Uma tal concepção de destino emana – mesmo que visível apenas para a visão mais aguçada – daqueles poemas populares nos quais o mundo espiritual e emocional de toda uma nação vem à luz em sua pureza e magnitude primordiais, na Iliada e na Odisséia, no Ramayana e no Mahabharata, nos Nibelungos e no Gudrun (BAW 2, 445 Nachbericht).

Tendo citado essas duas afirmações de Nietzsche sobre a religião e a literatura indianas, precisamos introduzir a questão acerca das fontes desta modesta familiaridade com a tradição indiana. Tal questão pode ser respondida mais satisfatoriamente levando-se em conta os professores, as aulas e também os materiais usados em sala de aula em *Schulpforta*. Faremos isso cientes de que não se tratará de demonstrar conexões diretas, mas, antes, de caracterizar a atmosfera intelectual na qual o conhecimento de Nietzsche acerca das idéias

asiáticas foi adquirido e que, ao menos em princípio, tornou possível um contato indireto com o Oriente durante seus anos escolares.

No que tange à posição dos Estudos Orientais na atmosfera intelectual de *Schulpforta*, cumpre começar dizendo que o pensamento asiático não representava, por certo, um interesse primordial no currículo então vigente. A ênfase maior era, inequivocamente, sobre as línguas clássicas ocidentais – tal como o próprio Nietzsche sublinha num ensaio biográfico que escrevera quando da sua convocação à docência na Basileia.⁶ Ao avaliar a importância do conhecimento de Nietzsche a respeito da Ásia durante o período de Pforta, não é fora de propósito supor que o tema possuía uma significância relativamente pequena, já que as culturas ditas não-européias eram consideradas somente casualmente e mencionadas apenas em contextos mais amplos das disciplinas ensinadas. A pesquisa pelas fontes irá, nesse sentido, debruçar-se fundamentalmente sobre os roteiros dos cursos (*syllabi*) e sobre os materiais neles utilizados⁷ – assim como sobre as publicações dos professores de Nietzsche – a fim de encontrar coisas relevantes a respeito da Ásia.

Uma importante fonte para as informações às quais Nietzsche teria tido acesso em suas aulas em Pforta são os relatórios dos programas de ensino da escola.⁸ Por ocasião da celebração anual da fundação da escola Imperial, tinha lugar um relatório do reitor da instituição, somado a um ensaio acadêmico feito por algum professor do estabelecimento de ensino. Tal relatório deveria conter uma lista dos conteúdos das várias grades e disciplinas da escola, os temas das dissertações em Latim e Língua Alemã, as normas do colégio e um histórico dos eventos realizados no ano anterior, assim como uma lista de alunos contendo informações estatísticas e uma avaliação geral de todos os materiais institucionais, incluindo uma lista dos livros doados à biblioteca da escola.

Apesar da pesquisa acerca dos roteiros dos cursos e dos temas das dissertações não apresentar referências a respeito do pensamento

asiático, os catálogos de livros decerto fornecem algum material relevante para nossa investigação. Tais catálogos revelam que a erudição vigente sobre a Ásia e, em especial, sobre a Índia, era, com efeito, levada em consideração em Pforta.⁹ A evidência de que um certo interesse sobre as línguas e culturas orientais fora despertado numa série de alunos depreende-se do exemplo de Paul Deussen, o famoso colega e amigo de Nietzsche que continuou a estudar Sânscrito na Universidade de Bonn.¹⁰

Pode-se assumir, ademais, que os professores de Nietzsche em Pforta também transmitiam em suas aulas algo da pesquisa contida em suas publicações profissionais e que algumas ligações com as culturas asiáticas eram feitas por meio desta via.

Um dos professores de Pforta familiarizados com a filosofia indiana era August Steinhart (1801-72) – que lá foi professor de Grego e Hebraico de 1831 a 1871. Steinhart destacou-se em sua pesquisa acadêmica sobre a filosofia neoplatônica e, mais tarde, sobre o platonismo.¹¹ Em 1829 ele publicou um tratado sobre a dialética de Plotino e, em 1840, um trabalho intitulado *Meletemata Plotiniana*, ambos os quais apareceram no relatório anual de Pforta. Nietzsche aprendeu Latim (textos de Cícero) com Steinhart durante a segunda série do secundário e Grego durante a primeira série – época em que o *Fédon* de Platão era um dos textos estudados.¹² Steinhart também foi professor de Hebraico de Nietzsche.¹³

Steinhart discute, em suas publicações, a influência da Ásia durante o período da dialética plotiniana dizendo, a respeito dos Gnósticos, que eles “confundiram a verdade cristã com fantasmas vazios obtidos de suas obscuras fontes asiáticas”. E fornece, nas *Meletemata Plotiniana*, uma estimativa mais positiva do pensamento oriental ao dizer que “a filosofia dos povos asiáticos e, sobretudo, dos indianos, não deve ser ignorada” se se pretende compreender apropriadamente a filosofia dos platônicos.¹⁴ O trabalho de Steinhart exemplifica uma recepção aberta das correntes do pensa-

mento indiano que haviam sido introduzidas na Europa fundamentalmente por meio da obra de Colebrooke intitulada *Sobre a filosofia dos hindus* (*On the Philosophy of the Hindus*), de 1824. Provas de que Nietzsche fora apresentado à filosofia indiana por Steinhart não podem ser encontradas na *Historisch-kritische Gesamtausgabe* (BAW); a fim de resolver essa questão, cumpre consultar os textos inéditos do período escolar de Nietzsche.

No entanto, há um motivo para supor que uma certa familiaridade com a cultura oriental chegou a Nietzsche por meio de um outro instrutor de Pforta, a saber, o professor de alemão Karl August Koberstein. A importância deste famoso historiador da literatura para a escola foi a de ter lutado para que a Língua Alemã fosse ensinada no mesmo nível de excelência que as línguas clássicas, o que resultou no fato de que essa disciplina terminou por ser classificada entre as mais excelentes nessa escola de elite.¹⁵

Como mencionamos anteriormente, Nietzsche havia se referido ao *Mahâbhârata* e ao *Râmâyana* numa monografia de Língua Alemã a partir de um cotejo com os *Nibelungos*. Esta conexão aponta para uma das principais características da formação em Língua Alemã que Nietzsche recebera de Koberstein. Os *Nibelungos* constavam normalmente no roteiro de curso de Koberstein para o segundo ano do secundário e, quando Nietzsche o cursou (no semestre de inverno de 1862-63), o seu título era “Uma explicação de algumas passagens da *Canção dos Nibelungos*”; e quando ele cursara o primeiro ano do secundário, o curso chamava-se “Uma investigação sobre o despertar da literatura alemã”. Em ambos os cursos, Nietzsche escolheu um tema a partir dos *Nibelungos* como tópico para sua dissertação livre.¹⁶

Contudo, ainda permanece em aberto a questão de se saber se Nietzsche ganhara, de fato, intimidade com o *Mahâbhârata* e o *Râmâyana* em suas aulas de Língua Alemã ou, então, se o fizera por meio de uma outra fonte. De qualquer forma, a justaposição

destes dois poemas épicos com outras culturas diversas podia ser encontrada na literatura da época – como, por exemplo, num trabalho de Valentin Rose que surgiu em 1854 e do qual Nietzsche transcrevera algumas passagens três anos depois de deixar Pforta.¹⁷ O importante é que Nietzsche decerto comparou os épicos indianos com os *Nibelungos*, que tal comparação poderia ser não só possível, mas também provável no contexto da formação e das publicações de Koberstein será, doravante, demonstrado.

Koberstein coordenou intensas investigações sobre a *Canção dos Nibelungos*. Karl Bartsch, editor da quinta edição de seu estudo (*História da literatura nacional alemã [Geschichte der deutschen Nationalliteratur]*) após a sua morte, escreve, no Prefácio, que encontrou no manuscrito deixado por Koberstein um excerto de 53 páginas – *in-quarto* – escritas cuidadosamente sobre a *Canção dos Nibelungos*.¹⁸ Um espaço muitíssimo importante é concedido à discussão acerca da *Canção dos Nibelungos* nas edições de *História*, obra que Koberstein publicara ele próprio. Na Introdução ao trabalho inteiro, ele enfatiza a grande era do épico e menciona, igualmente, a teoria segundo a qual “ele [o épico] veio, provavelmente, do Oriente com tribos alemãs emigrantes.”

Koberstein chega a dizer mais acerca do Oriente ao investigar as influências sobre a “literatura nacional alemã”. Ao sugerir que já na Idade Média e mais ainda no período moderno “elementos estrangeiros exerceram influência” sobre a literatura alemã, ele menciona, uma vez mais, o Oriente: “as literaturas do Oriente auxiliaram em diversos momentos, se não diretamente, pelo menos indiretamente, a determinar, numa maior ou menor proporção, a vida literária dos alemães no que diz respeito aos dados, à forma e ao conteúdo”.

Koberstein aponta para dois períodos da influência asiática: a transmissão por meio das cruzadas e o período Romântico. A propósito dos cavaleiros que retornaram do Oriente, ele escreve: “O que

há de oriental em diversos poemas alemães de tal período, em especial naqueles que se consagram ao Graal, advém tanto dos árabes espanhóis, por meio dos franceses e dos Provençais, quanto – de maneira direta – da Ásia”. E sustenta, com uma atitude algo crítica, que no início do século dezenove prevaleceu “uma justaposição e uma confusão de direções conflitantes, um caos colorido de modelagens e imitações de antigos poemas indígenas e estrangeiros de todas as épocas e países”; e alude a uma abundância de traduções de línguas orientais e de poesia indiana que se mostraram decisivas para o estudo histórico.¹⁹ Koberstein possuía um conhecimento detalhado das diversas influências da poesia oriental e é mesmo possível dizer que tais relações foram pelo menos mencionadas nas suas aulas.

A relação entre a Europa e a Ásia pode, no entanto, ser estabelecida num nível mais fundamental: a saber, com base na teoria da “família das línguas Indo-germânicas” que, para Koberstein, havia sido “indubitavelmente estabelecida pelos estudos contemporâneos.”²⁰ No início de sua *Geschichte*, ele parte da própria origem asiática dos alemães – tendo mencionando a inegável similaridade básica entre as línguas ocidentais e algumas línguas orientais.

Koberstein tomou as hipóteses básicas da recém-nascida “Indo-germânica” como informações academicamente verificadas e, presumivelmente, comunicou-as desta forma nas aulas às quais Nietzsche assistiu. Isto não poderia ter ocorrido senão quando Nietzsche frequentou o segundo ano do primário, cujo roteiro de curso de Língua Alemã prescrevia: “aspectos básicos da parte etimológica da gramática alemã, com um estudo das mais importantes épocas da história evolucionista da nossa língua”.²¹

No contexto da hipótese lingüística e histórico-cultural de uma família de povos Indo-germânica, Koberstein também estava interessado por um tema que, supostamente, demonstrava a ligação entre a poesia europeia e a poesia asiática – a saber, um certo “tipo

de transmigração da alma” tal como ele assim o expressou no título de seu artigo “Über die Sage und Dichtung gangbare Vorstellung von dem Fortleben abgeschiedener menschlicher Seelen in der Pflanzenwelt” (“Acerca da idéia, corrente na saga e na poesia, do prolongamento da vida das almas dos mortos no reino vegetal”).²² É possível que a familiaridade de Nietzsche com a idéia da preexistência da alma – a qual ele se referia como sendo hinduísta – derive dos contatos com as reflexões de seu professor ao longo de tais linhas.

O indício até agora mencionado mostrou que, em Pforta, a despeito da orientação definitivamente clássico-filológica do colégio, o pensamento asiático não era absolutamente excluído, mas era levado em conta ao menos ocasionalmente no contexto de outros tópicos e temas. Koberstein, em particular, tido como o mais “habituatedo à literatura estrangeira”, foi capaz de construir uma ponte rumo ao âmbito do pensamento Oriental.²³ Ele representava, aos olhos de Nietzsche, “um dos mais brilhantes professores de filosofia” de Pforta, uma ligação que Nietzsche acreditava ser “a mais afortunada”.²⁴

A ampla erudição dos professores de Pforta constituía, a ser assim, não apenas a melhor das preparações para o estudo da filologia, mas também estava apta a comunicar a Nietzsche uma certa noção das idéias orientais; o que resulta no fato de que ele não se achava totalmente despreparado para travar contato com o pensamento asiático, na medida em que isto se deu, pois, na Universidade. Ali ele colheu, provavelmente, informações mais extensas sobre as religiões e as culturas asiáticas, tal como pode ser visto a partir de anotações inéditas feitas quando ele ainda era um estudante universitário em Bonn.

II

A pesquisa acerca da importância do período estudantil de Nietzsche para o seu desenvolvimento filosófico posterior tem sido, até o momento, insuficiente. Isto pode ser revelado pelo fato de que as anotações feitas pelo filósofo quando este ainda era um estudante universitário não foram, até o momento, publicadas. Tais anotações podem, pois, fornecer informações a respeito das importantes influências de sua fase estudantil e documentam, com frequência, os seus primeiros contatos com teólogos e filósofos, tanto históricos como contemporâneos.²⁵ As anotações feitas por Nietzsche nas disciplinas que cursou – que podem ser encontradas nos *Arquivos Goethe-Schiller* em Weimar – são capazes fornecer igualmente informações acerca de seus contatos com o pensamento asiático e, de uma maneira geral, com as culturas não-européias.

Cumprir ter em mente que Nietzsche iniciou seus estudos de teologia em Bonn no outono de 1864, transferindo-se para filologia e matriculando-se, então, na faculdade de filosofia na primavera seguinte. No semestre de verão de 1865, ele frequentou um curso básico de Carl Schaarschmidt intitulado “Allgemeine Geschichte der Philosophie” (“História Geral da Filosofia”)²⁶ e que terminou por se tornar, pois, a base das reflexões que se seguiram. Após os anos em Bonn, Nietzsche foi, então, para a Universidade de Leipzig – na qual ele continuou seus estudos em filologia. Apenas uma pequena parte das anotações deste período universitário detêm-se sobre cursos de teologia, filosofia e história intelectual, sendo que a maioria delas diz respeito aos cursos de filologia (BAW 1, LV) – as quais não serão consideradas aqui. No que tange às anotações acerca da história da filosofia, o foco será mantido sobre o tema da relação com a Ásia, já que, em linhas gerais, a estrutura das anotações e a questão específica do Budismo já foram tratadas de modo detalhado numa outra ocasião.²⁷

O curso de Schaarschmidt inicia-se com uma introdução que visa a discutir o conceito geral da filosofia e a sua história, versando igualmente sobre fontes, textos e metodologia. Segue-se, então, uma apresentação da “filosofia antiga” (pp.8-32), da “filosofia moderna” com ênfase em Espinosa, Locke, Berkeley e Hume (pp. 44-51), e, por fim, a “mais recente filosofia” (p.56), da qual consta uma listagem e uma discussão parcial sobre os trabalhos de Kant (p. 61f), bem como um excerto – numa página à parte (p.59) – do apêndice consoante ao *Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer, cujo cabeçalho indicava “Kritik der Kantische[n] Philosophie von A. Schopenhauer.”²⁸

Per se, o pensamento asiático não é levado em consideração nos conteúdos do curso; ele é, de fato, intencionalmente excluído. Após o cabeçalho “Filosofia Antiga”, vê-se explicitamente a menção: “excluiremos completamente a [filosofia] oriental” (p.8). Assim, ao ver de Schaarschmidt, o pensamento asiático não faz parte da história da filosofia. Aparentemente, ele segue aqui o modelo atuante no fim da segunda metade do século dezenove, que excluía as filosofias orientais da narrativa histórica, tal como demonstrara, no caso da Índia, Wilhelm Halbfass.²⁹

Contudo, e apesar de tal declaração, o pensamento do Extremo Oriente é mencionado três vezes nas anotações de Nietzsche: na Introdução, na discussão atinente ao neo-platonismo e no excerto de Schopenhauer.

Nas observações introdutórias de Schaarschmidt, a afirmação de que a “filosofia começa com o espanto” é seguida pelo enunciado de que “os ramos indo-germânicos e semitas constituem os próprios portadores do desenvolvimento filosófico” (p. 5). A admissão do indo-germânico como algo basicamente orgânico forma, pois, a ponte que conduz ao pensamento asiático:

O ramo indo-germânico estende-se do sudoeste asiático até a Europa, Índia, Pérsia... A nação indiana, os gregos e os povos germânicos são os portadores do significado filosófico (p. 5).

A essa relação da história das idéias baseada numa ligação etnológica putativa corresponde, por sua vez, a pressuposição de uma base econômica:

Relações comerciais primitivas entre a Ásia Menor, a Índia e a Grécia nos fazem supor que as idéias foram, igualmente, transportadas (p. 6).

Em ambas as passagens há a explícita menção à Ásia, mas o foco sobre o “sudoeste asiático” ou sobre a “Ásia Menor” revela que o Extremo Oriente, a China e o Japão não são levados em linha de conta. A filosofia indiana é, em contrapartida, especialmente atendida e seu conteúdo rapidamente delineado.

Primeiramente, o “sistema de religião Brâmane” é apresentado como “uma ossificação de uma religião natural originalmente pura e nobre” e é dito, então, que a própria filosofia surge em conexão com tal sistema. A filosofia Sâmkya é, por seu turno, introduzida como uma disciplina que exhibe “independência das visões ortodoxas” (p.6).

Depois do arrolamento dos “três principais tópicos: 1) coisas divinas, Deus e criação; 2) a alma e a compulsão ascética; 3) doutrinas lógicas”, segue-se, pois, uma espécie de sumário:

Caráter panteísta básico, o mundo é uma emanção de Deus assim como a alma humana também o é. Confessadamente, isso não é provado logicamente. É, antes, uma suposição a partir dos Vedas, o sistema popular. O alvo do ascetismo é abolir os limites da imperfeição terrena. A transmigração da alma é a consequência... (p. 6)

Aí então, após uma menção ao “Código de Manu”, segue-se uma observação acerca do Budismo:

Há, no Budismo, uma submersão ainda mais profunda no niilismo panteísta. O Nirvana é a meta da ‘aniquilação’ (p.6).

Com isso, Nietzsche parece ter adquirido ainda mais familiaridade com o pensamento indiano, ou, ao menos, uma noção de suas principais correntes e conceitos fundamentais.

A referência subsequente acha-se, por sua vez, no contexto de uma introdução ao neo-platonismo:

Há, aqui, uma influência oriental. Gnosticismo. 1) Parsismo (dualismo) 2) Budismo (sinos e rosários) 3) Judaísmo... (p. 28).

Por fim, numa das últimas páginas do manuscrito, há uma referência indireta à filosofia asiática em meio a uma discussão da principal obra de Schopenhauer. Vê-se um excerto da passagem em que Schopenhauer compara o empreendimento de Kant com o pensamento indiano.³⁰ As anotações de Nietzsche são as seguintes:

Esta é, ao mesmo tempo, a concepção básica de Platão assim como a dos Vedas e dos Puranas. (Alegoria da caverna em A República. – O Véu de Maya) (p. 59).

A presente investigação chega, com isso, à sua conclusão – que deveria ser, pois, amplamente mais desenvolvida no sentido de um exame histórico intensivo da comunicação da sabedoria oriental no ambiente intelectual de Nietzsche. Tal pesquisa começaria a partir do limite cronológico aqui designado, a saber, a partir do fim do primeiro ano de estudos de Nietzsche em Bonn.

III

Os primeiros contatos de Nietzsche com o pensamento asiático deram-se em diversos níveis e diversas áreas temáticas. A heterogeneidade das influências deriva do fato de que elas adquiriram, em sua maioria, uma forma indireta, tendo sido mediadas principalmente pelos professores em *Schulpforta*. Foi, sobretudo, em suas aulas de Alemão que Nietzsche viu-se impelido a empreender uma comparação entre os épicos indianos – o *Mahâbhârata* e o *Râmâyana* – e os poemas épicos gregos e alemães. Tornou-se, então, em seu primeiro ano como estudante na Universidade de Bonn, mais familiarizado com o pensamento asiático por meio das preleções de Carl Schaarschmidt.

Um exame dos manuscritos inéditos atinentes às anotações de sala de aula de Nietzsche sobre a história da filosofia revela que ele, neste período inicial, fora exposto ao pensamento asiático de um modo consideravelmente abrangente. Isto é ainda mais surpreendente quando se considera o fato de que, nas anotações de tal período, publicadas na chamada “Edição histórico-crítica” das obras de Nietzsche, não há praticamente nenhuma menção sobre tal conhecimento geral das grandes culturas asiáticas. Isto nos fornece motivos para supor que muitas outras anotações do período de juventude de Nietzsche – que ainda não foram publicadas – poderiam ser relevantes para a questão atinente à sua familiaridade com o pensamento asiático. Uma resposta consciente frente a essa questão só pode ser elaborada quando o *Nachlass* integral consoante ao período de juventude de sua obra tornar-se, pois, acessível numa edição crítica. Isto também poderá revelar que o conhecimento de Nietzsche acerca das culturas não-européias – assim como sua familiaridade com a história da filosofia e com a cultura européia – era bem mais profundo do que se pode demonstrar a partir das edições existentes de seus primeiros escritos.

Abstract: The present essay aims at scrutinizing the early and fairly comprehensive knowledge of Asian thought in Nietzsche's student days. It reveals that not only had Nietzsche a quite general acquaintance of Eastern culture but also this fact does make a difference when it comes to his early writings. Being like this, it makes clear that the publication of the entire *Nachlass* from Nietzsche's youth is a matter of necessity. According to the author, only then should we have clear and satisfying view of Nietzsche's knowledge of non-European cultures.

Keywords: Asian culture – Oriental Studies – Buddhism – Indian thought

notas

- ¹ Já que a chamada *juvenalia* nietzschiana ainda não surgiu na *Kritische Gesamtausgabe* editada por Colli e Montinari, as referências serão remetidas à *Historisch-kritische Ausgabe* (abreviada, aqui, por *BAW*) em 5 Vols., editada por H. J. Mette et al. Leipzig, 1933-40. As cartas serão citadas a partir da *Kritische Gesamtausgabe: Briefe (KGB)* editadas por Colli e Montinari. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 1975.
- ² Meus sinceros agradecimentos aos diretores dos *Nationale Forschungs- und Gedenkstätten der klassischen deutschen Literatur* em Weimar, os *Goethe-Schiller Archive*, por concederem o acesso aos manuscritos inéditos de Nietzsche que, aqui, são utilizados: NFG/GSA 71/41 (C II 1); *vide*, abaixo, nota 26.
- ³ A. E. Wollheim da Fonseca, *Mythologie des alten Indien*. Berlim, 1856.
- ⁴ Cf. Figl, Johann. *Dialektik der Gewalt: Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie, mit Berücksichtigung unveröffentlicher Manuskripte*. Düsseldorf, 1984, p. 51ff.; cf. também Kremer-Marietti, A., “La pensée de Nietzsche adolescent”, *Études Germaniques* 24 (1969): 223-33.

- ⁵ Cf. Bohley, R. “Über die Landesschule zur Pforte: Materialien aus der Schulzeit Nietzsches”, in: *Nietzsche-Studien* 5. Berlim: Walter de Gruyter, 1976, pp. 298-320; cf. também *BAW* 2, 129 ff.
- ⁶ Cf. KGB I 2, p. 366f.
- ⁷ A esse respeito, ver o trabalho pioneiro de Bohley, R. *Die Christlichkeit einer Schule: Schulpforta zur Schulzeit Nietzsches*, 2 Vols. Naumburg, 1975. E também os trechos reeditados no artigo dos *Nietzsche-Studien* acima citado (nota 5).
- ⁸ O enfoque a ser dado aqui será referente aos relatórios de 1853 a 1860.
- ⁹ Vale sublinhar, nesse contexto, o fato de que a *Zeitschrift der Deutschen morgenländischen Gesellschaft* é frequentemente mencionado, assim como a *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*. Outros trabalhos também mencionados são o famoso volume de Lassen intitulado *Indische Alterthumskunde* (Berlim, 1852) e o *Verzeichniss der Sanscrithandschriften* (Berlim, 1853), *Über den Zusammenhang Indischer Fabeln mit Griechischen* (Berlim, 1855) e *Eine Legende des Catapartha-Brahmana* (1855) de Weber.
- ¹⁰ Cf. KGB I 3, p.75: carta de Deussen a Nietzsche a 2 de fevereiro de 1866 e cf., igualmente, Deussen, Paul. *Erinnerung an Friedrich Nietzsche* (Leipzig, 1901), p.21.
- ¹¹ Cf. o artigo sobre Steinhart de R. Hocke na *Allgemeine Deutsche Biographie*, Vol. 42, p. 711f.
- ¹² Cf. Bohley, “Über die Landesschule zur Pforte”, p. 309; ver também o envolvimento de Nietzsche com os discursos de Platão no *Symposim* em agosto de 1864 (*BAW* 2, 420-44).
- ¹³ Cf. Figl, *Dialetik der Gewalt*, p.42.

- ¹⁴ K. H. A. Steinhart. *Quaestionum de dialectica Plotini reationae* (Naumburg, 1829), fasc. I., p.13; *Meletemata Plotiniana* (Naumberg, 1840), p.1.
- ¹⁵ Ver Bohley, R. *Die Christlichkeit einer Schule*. p. 154; e também Rogge, B. *Pförtnerleben: Nach eigenen Erinnerungen geschildert* (Leipzig, 1893), p.53. Koberstein (1797-1870) foi professor de Língua Alemã em Pforta de 1820 até o fim de sua vida. Ver artigo sobre Koberstein de E. Schmidt na *Allgemeine Deutsche Biographie*, Vol.16, p. 360f.
- ¹⁶ Ver *BAW* 2, 39-42; e também Bohley, “Über die Landescgule zur Pforte”, p.312. Foi na monografia do primeiro ano do secundário que Nietzsche discutiu a caracterização de Kriemhild e mencionou, pois, os dois épicos indianos.
- ¹⁷ Rose, V. *De Aristotelis librorum ordine et auctoritate commentatio* (Berlim, 1854); ver as passagens extraídas por Nietzsche em *BAW* 4, 562: “A ser assim, o *Mahabharata* e o *Ramayana* foram compostos depois de Cristo. O mesmo vale para a *Canção dos Nibelungos*”. A comparação de Rose conduz a um argumento – que não será, aqui, desenvolvido – segundo o qual “tais grandes poemas foram, de fato, redigidos e não oralmente transmitidos”. Nas páginas extraídas por Nietzsche, Rose também menciona a *Ilíada* e a *Odisséia*.
- ¹⁸ Ver Koberstein, *Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 5ª edição, revisada por K. Bartsch (Leipzig, 1872). Este trabalho – publicado pela primeira vez em 1827 – estabeleceu, pois, a reputação acadêmica de Koberstein. Segundo uma carta escrita por Nietzsche em 1865, Anton Springer, o historiador da arte de Bonn, considerou Koberstein como sendo, “de longe, o mais importante historiador da literatura de nossa época” (*KGB* II, 55).
- ¹⁹ Koberstein, *Geschichte*, 2º edição, pp.44ff., 32, 164f. e 4ª edição, Vol. 1, pp. 230ff., 15, 3, 220, 183.

- ²⁰ Cf. Koberstein, *Vermischte Aufsätze zur Literaturgeschichte und Aesthetik* (Leipzig, 1858), p. 56.
- ²¹ Cf. Bohley, “Über die Landeschule zur Pforte”, p. 309.
- ²² Koberstein, *Vermischte Aufsätze*, pp. 31-62, especialmente p. 58.
- ²³ Cf. E. Schmidt em *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 16, p. 360
- ²⁴ Cf. carta de Nietzsche a Wilhem Vischer de 2 de janeiro de 1869 (KGB II 1, 367)
- ²⁵ Cf. Figl, Johann. *Dialektik der Gewalt*, p. 39 ff.
- ²⁶ Manuscrito dos *Arquivos Goethe-Schiller* intitulado NFG/GSA 71/41; os números das páginas que se seguem às citações ao longo do presente artigo referem-se, pois, a este manuscrito. O próprio Carl Schaarschmidt foi um ex-aluno de Pforta (1822-1909). Nietzsche travou contato como ele quando dos inícios de seus estudos em Bonn, sendo a ele recomendado por Karl Steinhart, o antigo filólogo de Pforta. Schaarschmidt convidou tanto a Nietzsche como a Deussen para visitá-lo em sua casa diversas vezes ao longo do primeiro semestre naquela instituição, tal como se acha documentado em várias cartas de Nietzsche deste período.
- ²⁷ Cf. Figl, Johann, “Nietzsche frühe Begegnung mit dem Denken Indiens: Auf der Grundlage seiner unveröffentlichten Kollegnachschrift aus Philosophiegeschichte (1865)”, in: *Nietzsche-Studien* 18 (1989): 455-71, e “Die Buddhismus-Kenntnis des jungen Nietzsche: Unter Heranziehung einer unveröffentlichten Vorlesungsnachschrift der Philosophiegeschichte”, in: *Das gold im Wachs*, ed. E. Gössman/G. Zobel, Munique, 1988. Algumas pequenas passagens deste último ensaio serão citadas aqui que se seguirá.

- ²⁸ Ver Figl, Johann, “Nietzsches Begegnung mit Schopenhauers Hauptwerk: Unter Heranziehung eines unveröffentlichten Exzerptes”, *Schopenhauer-Studien* 3 (1990).
- ²⁹ Wilhelm Halbfass, *Indien und Europa: Perspektiven ihrer geistigen Begegnung* (Basel und Stuttgart, 1981). P. 165f.; e também “Indien und die Geschichtsschreibung der Philosophie”, in: *Philosophische Rundschau* 23 (1976), 104f.
- ³⁰ *O mundo como vontade e representação*, Vol. 1, Apêndice.

referências bibliográficas

1. BOHLEY, R. “Über die Landesschule zur Pforte: Materialien aus der Schulzeit Nietzsches”, in: *Nietzsche-Studien* 5. Berlin: Walter de Gruyter, 1976.
2. _____. *Die Christlichkeit einer Schule: Schulpforta zur Schulzeit Nietzsches*, 2 Vols. Naumburg, 1975.
3. FIGL, Johann, “Nietzsches Begegnung mit Schopenhauers Hauptwerk: Unter Heranziehung eines unveröffentlichten Exzerptes” in: *Schopenhauer-Studien* (3), 1990.
4. _____. “Die Buddhismus-Kenntnis des jungen Nietzsche: Unter Heranziehung einer unveröffentlichten Vorlesungsnachschrift der Philosophiegeschichte” in: *Das gold im Wachs*, ed. E. Gössman/G. Zobel. Munique, 1988.
5. _____. “Nietzsche frühe Begegnung mit dem Denken Indiens: Auf der Grundlage seiner unveröffentlichten Kollegnachschrift aus Philosophiegeschichte (1865)” in: *Nietzsche-Studien* (18), 1989.

6. _____. *Dialektik der Gewalt: Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie, mit Berücksichtigung unveröffentlichter Manuskripte*. Düsseldorf, 1984.
7. FONSECA, A. E. Wollheim da, *Mythologie des alten Indiens*. Berlin, 1856.
8. HALBFASS, Wilhelm, *Indien und Europa: Perspektiven ihrer geistigen Begegnung*. Basel und Stuttgart, 1981.
9. _____. “Indien und die Geschichtsschreibung der Philosophie” in: *Philosophische Rundschau* (23), 1976.
10. KOBERSTEIN, *Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 5ª edição, revisada por K. Bartsch. Leipzig, 1872
11. _____. *Vermischte Aufsätze zur Literaturgeschichte und Aesthetik*. Leipzig, 1858.
12. KREMER-MARIETTI, A. “La pensée de Nietzsche adolescent” in: *Études Germaniques* (24), 1969.
13. NIETZSCHE, F. *Historisch-kritische Ausgabe (BAW)* em 5 Vols., editada por H. J. Mette et al. Leipzig, 1933-40.
14. _____. *Kritische Gesamtausgabe: Briefe (KGB)* editadas por Colli e Montinari. Berlin/Nova York:Walter de Gruyter, 1975.
15. STEINHART, K. H. A. *Meletemata Plotiniana*. Naumburg, 1840.
16. _____. *A Quaestionum de dialectica Plotini reationae*. Naumburg, 1829.